

The background of the cover is a photograph of an archaeological excavation site. It shows a grid of thin white lines on a dark, sandy ground. Numerous stones of various sizes and shapes are scattered across the site, some appearing to be part of a larger structure or arrangement. The lighting is bright, casting shadows on the sand.

# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses  
Volume 70

---

PALEOLÍTICO EM PORTUGAL  
— NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**70**

Ano de Edição

**2020**

Ano Associativo AAP

**2018**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e Andrea Martins**

Design gráfico

**Flatland Design**

Fotografia da capa

**Estrutura pétrea de Rôdo (Gomes *et al.* – artigo 6)**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**300 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

5 Editorial

José Morais Arnaud

## **PALEOLÍTICO EM PORTUGAL – NOVOS DADOS, NOVAS PERSPECTIVAS**

9 Análise comparativa entre o Acheulense de Grandes Lascas e o Acheulense “Tradicional” no Centro de Portugal

Alexandre Varanda

25 O aprovisionamento de matérias-primas líticas no centro da Península Ibérica no Paleolítico Médio – Estado da questão

Ana Abrunhosa, Belén Márquez, David M. Martín-Perea, Juan Luis Arsuaga, Alfredo Pérez-González, Enrique Baquedano

39 *Ground Stone Tools*: análise funcional quantitativa à escala macro e microscópica

Eduardo Paixão, João Marreiros

51 Cadeias operatórias do Paleolítico Médio da bacia do Arneiro

Nelson Almeida

75 Novos dados para a compreensão da ocupação humana na Fonte Santa (Torres Novas)

Luis Gomes

95 Contextos de descoberta e desafios do estudo dos sítios pré-históricos do Aproveitamento Hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida

Sérgio Gomes, Lurdes Oliveira, Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Alicia Ameijenda, Bárbara Costa, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

115 A Indústria lítica do Gravettense Médio do Vau (Médio Vouga): apresentação de dados preliminares

Carmen Manzano, Cristina Gameiro, Sérgio Gomes, Bárbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

133 Dinâmicas de vegetação no final do Pleistocénico e início do Holocénico no atual território português

Cláudia Oliveira, João Pedro Tereso

147 Contributos para a caracterização do período tardiglacial no Médio Vouga: a indústria lítica do Rôdo, Vau e Bispeira 8

Cristina Gameiro, Carmen Manzano, Barbara Costa, Alicia Ameijenda, Sérgio Gomes, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Alberto Gomes, Thierry Aubry, Henrique Matias

171 Ensaçando interpretações para a arte de transição do Vale do Sabor

Sofia Soares de Figueiredo, Pedro Xavier

185 O povoamento humano durante o Tardiglacial na Bacia do Guadiana: revisão dos dados

Cristina Gameiro, Francisco Almeida

## **ARTIGOS**

203 Artefactos cilíndricos de Vila Nova de São Pedro – a colecção do Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa)

Andrea Martins, César Neves, Mariana Diniz, José Morais Arnaud

225 Pensar o consumo enquanto categoria de análise arqueológica: notas para uma abordagem social e cultural

Francisco B. Gomes



- 237 Arqueologia e a Sociedade Portuguesa: definições, papéis e perspectivas do Passado no Presente  
Daniel Carvalho
- 255 Do Carmo a São Vicente – Parte I. Colóquio de Homenagem a Fernando E. Rodrigues Ferreira (1943-2014)  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 257 Manipulações cranianas da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo)  
Mário Varela Gomes, Carlos Didelet Vasques
- 277 Os azulejos do Convento de Santana de Lisboa: primeira abordagem  
Mariana Almeida, Rosa Varela Gomes, Mário Varela Gomes
- 295 Artefactos de azeviche do Convento de Santana de Lisboa  
Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves
- 313 A Batalha do Vimeiro numa perspectiva arqueológica  
Rui Ribolhos Filipe
- 329 Fernando Rodrigues Ferreira e Conceição Machado: a propósito da questão da ocupação pré-portuguesa no arquipélago dos Açores  
José Luís Neto

## **RELATÓRIOS**

- 341 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2018  
José Morais Arnaud
- 347 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 353 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2018  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 357 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida
- 365 Comissão de Arqueologia Profissional da AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Jacinta Bugalhão, Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago
- 369 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2018  
Pedro Sameiro, Lina Oliveira, João Portugal, Segismundo Pinto, Manuel Artur Norton
- 371 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2018  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# ENSAIANDO INTERPRETAÇÕES PARA A ARTE DE TRANSIÇÃO DO VALE DO SABOR

---

Sofia Soares de Figueiredo<sup>1,2,3</sup>, Pedro Xavier<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território – Universidade do Minho, Portugal / sofia.csf@gmail.com

<sup>2</sup> Laboratório Hércules – Universidade de Évora, Portugal

<sup>3</sup> Área de Prehistória – Universidade de Alcalá, Espanha

## Resumo

No Vale do Sabor foram revelados inúmeros sítios com grafismos rupestres, adstritos a diferentes cronologias, desde o Paleolítico Superior até ao período Contemporâneo. Dentro dos vários motivos individualizados e caracterizados, detetou-se um conjunto específico que poderá ser atribuído ao período cronológico da transição entre o Pleistocénico e o Holocénico. O conjunto distribui-se por seis rochas dividindo-se em dois grupos. Um primeiro relativo a motivos realizados mediante a incisão fina e, um segundo, onde as figuras foram executadas através da picotagem. Se relativamente ao primeiro grupo temos alguma segurança da sua inserção cronológica no período de transição, o segundo apresenta mais dúvidas. Neste artigo pretendemos descrever as seis rochas, focando posteriormente algumas problemáticas e questões de cronologia.

**Palavras-chave:** Arte rupestre, Epipaleolítico, Mesolítico, Vale do Sabor, Nordeste de Portugal.

## Abstract

In the Sabor valley a large number of rock art sites were discovered, with chronologies ranging from the Upper Palaeolithic till the Contemporary period. Among the many individualized and characterized motifs, a specific set was detected and ascribed to the chronological period of the transition between the Pleistocene and the Holocene. The set of figures can be found in six rocks and divided into two groups. A first group concerns motifs produced through thin incision and, a second group is composed by pecked figures. If regarding the first group we are secure of its chronology, the second group presents more doubts. In this article we aim to describe the six rocks, then focusing their wider problematic and chronology.

**Keywords:** Rock art, Epipaleolithic, Mesolithic, Sabor valley, Northeast Portugal.

## 1. INTRODUÇÃO

Em Portugal, investigações sobre grafismos rupestres inseridos cronologicamente no período de transição entre o Pleistocénico e o Holocénico, bem como das primeiras fases deste último, encontram-se ainda por desenvolver de forma sistemática e aprofundada. Nos poucos estudos que se debruçam sobre as expressões rupestres deste período, elas ou são entendidas como o prolongamento final da arte do Paleolítico Superior ou, como o início da arte do Neolítico. Isto é, os motivos são analisados na sua relação com momentos cronológicos anteriores ou, na sua ligação com momentos posteriores, faltando abordagens mais contextuais.

O objetivo deste artigo é dar a conhecer um conjunto de seis rochas gravadas, detetadas no vale do rio Sabor, no Nordeste Transmontano, que poderão ser inseridas no período de transição ou em momentos posteriores, enquadrados no Mesolítico. Os trabalhos foram realizados no contexto da arqueologia de emergência, tendo seguido o Plano de Salvaguarda do Património no âmbito do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor. As seis rochas aqui tratadas foram alvo de levantamentos fotográficos, gráficos, topográficos e, nalguns casos, levantamentos por fotogrametria e Laser Scan.

Para a análise realizada, foram tidos em consideração os motivos figurados e as suas características, a técnica empregue na sua construção, o tipo de painel e rocha onde se encontram bem como a sua localização na paisagem. Após a caracterização e descrição dos grafismos rupestres do vale do Sabor, procuramos estabelecer paralelos com motivos semelhantes do território português, onde se reconhece o Côa como referência fundamental. Para além do Côa, também o vale do Tejo assume uma grande importância, dadas as semelhanças entre os motivos picotados do Sabor e da arte tagana.

Este artigo encontra-se organizado em cinco pontos, referindo-se o primeiro à Introdução. Segue-se um ponto onde procuramos definir os conceitos usados ao longo do trabalho, bem como traçar uma breve historiografia do tema. Num terceiro

momento descrevemos as seis rochas do vale do Sabor, objeto de análise deste trabalho, bem como as metodologias empregues no seu levantamento e descrição. Num quarto ponto apresentamos os resultados do nosso estudo, empreendendo ainda uma discussão sobre os mesmos. Por fim, num último ponto, apresentamos as conclusões possíveis.

## 2. DEFINIÇÃO DE CONCEITOS E BREVE HISTORIOGRAFIA DO TEMA

Um dos principais problemas com os quais nos deparamos no estudo da transição entre o Pleistocénico e o Holocénico prende-se com alguma confusão terminológica e, também por vezes, cronológica. Relativamente a este último parâmetro, se até recentemente se poderia assumir a data de 10.000 BP (Bicho, 2006, p. 215), atualmente, e levando em consideração todos os indicadores paleoclimáticos, existe uma ampla aceitação da data de 11.600 cal BP (García-Moreiras *et al.*, 2019; Ripoll López *et al.*, 2014, p. 48-57; Walker *et al.*, 2009).

Relativamente à terminologia que se refere à realidade arqueológica situada entre o Magdalense – considerado de forma inequívoca como a última fase do Paleolítico Superior – e o início do Neolítico, foram usados, ao longo da história da investigação na Península Ibérica, uma multiplicidade de termos ligados aos marcos sociais, políticos, ideológicos e institucionais onde as investigações se inseriram (Gallego Lletjós, 2013, p. 77, p. 437). Assim, multiplicaram-se as designações, entre as quais se contam o Mesolítico, o Epipaleolítico, o Tardiglacial, o Pós-Paleolítico ou, ainda, termos que aludem a entidades cronoculturais locais tais como o Tardenoide, o Asturiense, o Azilense, o Sauveterrense, entre outros. Existe, por conseguinte, ainda hoje uma grande ambiguidade e confusão terminológica, onde raramente os investigadores que se debruçam sobre o tema tornam explícitos os critérios selecionados para as designações usadas.

Tentando contrariar esta tendência, sem no entanto querermos aprofundar a nossa postura teórica dada a natureza de “ensaio” deste trabalho, por

questões de clareza de discurso e de forma a definir alguns limites, seguimos o seguinte sistema terminológico: uso do termo Mesolítico no seu sentido amplo, para referir todos os desenvolvimentos culturais do princípio do Holocénico e prévios às primeiras evidências neolíticas, restringindo o uso da designação de Epipaleolítico às evidências do Tardiglaciário, posteriores ao Magdalenense (Epipaleolítico em sentido restrito) (Gallego Lletjós, 2013, p. 436).

O conceito de Mesolítico foi introduzido por Hodder Westropp, na segunda metade do século XIX, para definir o período entre o Paleolítico e o Neolítico, a partir do quadro cronológico estabelecido por Lubbock (e.g., Westropp, 1872). Não obstante, a sua aceitação e adoção só se consolidou no início do século XX. Foi também no início do século XX que surgiu o termo Epipaleolítico, com origem nos estudos escandinavos de Pré-História, tendo sido a partir dos anos cinquenta adotado pela escola francesa (Gallego Lletjós, 2013, p.77).

Independentemente da terminologia usada, e até muito recentemente, este período foi entendido como uma fase de decadência, definindo-se em termos negativos como um intervalo temporal onde não existiam as manifestações artísticas do paleolítico superior, não existia a cerâmica ou a domesticação do Neolítico e, não se encontrava a indústria óssea do Paleolítico.

Em Portugal, e ao contrário da maioria das regiões peninsulares, a descoberta dos concheiros de Muge no século XIX, suscitou um grande interesse por parte dos pré-historiadores, tornando-se Portugal numa das principais áreas de estudo do Mesolítico europeu (Cardoso, 2007, p. 151). No entanto, a pesquisa até aos anos 80 do século XX centrou-se exclusivamente no fenómeno dos grandes concheiros do Tejo-Muge e, posteriormente, nos do Sado, limitando-se muito a investigação em termos espaciais e temporais (Gallego Lletjós, 2013, p. 393). Ainda de acordo com Araújo, (2016, p. 10), no que se refere ao Mesolítico português (ca 11500 – ca 7000 cal BP), houve um maior investimento no conhecimento do Mesolítico recente (ca 8300 – ca 7000 cal BP), associado às comunidades que ante-

cederam os primeiros pastores e agricultores, que na investigação do Mesolítico antigo (ca 8300 – ca 7000 cal BP), considerado muitas vezes como um mero prolongamento do modo de vida paleolítico em tempos pós-glaciares. Não obstante, e de acordo com a mesma autora (*idem, ibidem*), as respostas culturais dadas pelas comunidades Mesolíticas justificam uma separação clara dos tempos Paleolíticos.

No que concerne os estudos de grafismos rupestres do Epipaleolítico e Mesolítico, se até finais do século XX era defendido um *hiatos* rupestre para este período na Península Ibérica (e.g., Jordá, 1984), a partir sobretudo dos inícios dos anos 90 e com maior vigor ainda no século XXI, surgiram diversos trabalhos que vieram contrariar a imagem deste vazio. Destes, destacam-se os trabalhos de Bueno Ramirez e colaboradores na Península Ibérica (e.g., Bueno Ramírez, 2016; Bueno Ramírez, Balbín Behrmann, & Alcolea González, 2008; Bueno Ramírez, Balbín Behrmann, & Barroso Bermejo, 2012) e, em Portugal, os trabalhos de Gomes e Baptista (Baptista, 1999, 2009, Gomes, 2002, 2010), bem como, mais recentemente, os nossos e os de Sanches e Teixeira para o Nordeste transmontano (e.g. Figueiredo, 2017; Figueiredo *et al.*, 2016; Figueiredo *et al.*, 2014; Sanches & Teixeira, 2014; Teixeira, 2016; Teixeira & Sanches, 2017) e, os de Santos e coautores para a área do Vale do Côa (e.g. Aubry *et al.* 2017; Santos, 2017; Santos *et al.*, 2018). Não obstante, e tal como já foi referido para outros estudos focados no Mesolítico, também no estudo dos grafismos rupestres as investigações tendem a ligar os grafismos a um prolongamento do Paleolítico ou, a um antecedente do Neolítico. A ambiguidade terminológica usada pela maioria dos autores, onde por vezes nos incluímos, dificulta também a construção de um quadro claro.

### 3. AS ROCHAS DO VALE DO SABOR

O vale do rio Sabor localiza-se no Nordeste de Trás-os-Montes, no distrito de Bragança, correndo de Norte para Sul. Para montante, o vale apresenta grandes desníveis, na ordem dos 800 metros, entre

o rio Sabor e os planaltos que dominam a paisagem. Para jusante, e já no seu troço final, o rio encaixa-se no vale da Vilariça, indo desaguar na margem direita do rio Douro. Entre 2010 e 2015, com a construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor, foram realizados vários trabalhos arqueológicos que puseram a descoberto vestígios de ocupação humana do vale desde o paleolítico até ao período contemporâneo. (e.g. Dordio *et al.*, 2015).

No contexto destes trabalhos, foram identificados e estudados grafismos gravados, distribuídos por seis rochas que se poderão enquadrar no Epipaleolítico e Mesolítico. Uma vez que a sua descrição e estudo aprofundado se encontram disponíveis em diferentes relatórios bem como em vários artigos ou livros publicados (e.g. Figueiredo, 2017; Figueiredo *et al.*, 2016, 2014; Silva, Xavier, & Figueiredo, 2016; Teixeira, 2016), iremos de seguida fazer uma breve descrição dos mesmos. As três primeiras rochas descritas referem-se aos motivos incisos e, as três últimas, às figuras picotadas.

### 3.1. A Rocha 7 de Pedra de Asma

A Rocha de Pedra de Asma 7 localiza-se na margem direita da Ribeira de Pedra de Asma, afluente da margem esquerda do Rio Sabor. Neste tramo, o vale deste pequeno curso de água caracteriza-se pelas encostas bastante acentuadas, dificultando o acesso à rocha gravada. O afloramento em xisto, a pouca distância do leito da ribeira, não se destaca na paisagem face às demais rochas (Figueiredo *et al.*, 2016, 2014).

Na zona central da rocha observa-se uma pequena área semi-protegida, onde se encontram os três painéis gravados. No âmbito deste trabalho, centramos atenções no denominado painel A, o qual concentra um total de vinte motivos. A superfície é vertical e plana, ainda que bastante fissurada, orientada a Noroeste.

Foram identificados três momentos de gravação, dois dos quais associados a tempos históricos e, um terceiro, remetendo para uma cronologia pré-histórica. Nas gravações mais recentes, predomina a temática alfabética, efetuada através de incisão

ténue. Relativamente às representações mais antigas, e ainda que prevaleçam as não-figurativas formadas por conjuntos de traços dispersos em várias direções efetuadas através de incisão fina, ganha particular preponderância a gravação de um capríneo (*Capra pyrenaica*), enquadrado cronologicamente no Epipaleolítico.

É de destacar o seu esbatido formalismo naturalista e o emprego da incisão de traço múltiplo, para o preenchimento do corpo, de morfologia fusiforme (linhas horizontais), como para o da cabeça (linhas verticais). As suas dimensões são diminutas, contando com 7,69 de comprimento por 10,68 de largura (Figura 1).

### 3.2. A Rocha 11 de Pedra de Asma

A rocha de Pedra de Asma 11 posiciona-se na mesma encosta e margem que a Rocha de Pedra de Asma 7, ainda que um pouco mais a jusante, sensivelmente a meia-encosta. Apresenta como dimensões 68,2 cm de comprimento, 45,6 cm de largura e 26,0 cm de profundidade.

Tal como no caso anterior, é uma zona de difícil acessibilidade, resultante do declive bastante pronunciado da encosta. O único painel gravado registado nesta fraga de xisto encontra-se também numa área semi-protegida, de inclinação sub-horizontal. A sua morfologia é plana e globalmente lisa. Tanto o painel como os motivos caracterizam-se pelas suas pequenas dimensões, aspeto que dificulta o reconhecimento das representações.

O dispositivo iconográfico é composto por cinco motivos, três de tipologia linear e dois escalariformes (Figura 2). Ainda que conhecidos pela sua diacronia, estes tipos de representações encontram-se no contexto de arte ao ar-livre, como por exemplo no vale do Côa, associados a motivos zoomórficos das fases finais do Magdalenense (e.g. Baptista, 2009), podendo, dessa forma, ser contemporâneos do zoomorfo da primeira fase de gravação da Rocha de Pedra de Asma 7.

A única técnica de execução presente é a incisão, profunda, com uma pátina acentuada. As dimensões são pouco expressivas, sendo 33 cm de





Figura 1 – Levantamento gráfico e fotográfico do zoomorfo Rocha de Pedra de Asma 7.



Figura 2 – Levantamento gráfico e fotográfico do painel e motivos da Rocha de Pedra de Asma 11. As setas assinalam os dois escalariformes.

comprimento por 20 cm de largura para o escalariforme que constitui o Motivo 3 e de 6,25 cm de comprimento por 15,83 cm de largura para o seu semelhante materializado no Motivo 4.

### 3.3. Rocha da Ponte do Sabor

Ainda no apartado de rochas onde a técnica de incisão se assume como dominante ou mesmo exclusiva, refere-se agora a Rocha da Ponte do Sabor. É uma rocha em xisto, na margem esquerda do Rio Sabor, em local próximo tanto da confluência com a Ribeira da Vilarça, bem como com a própria desembocadura no Rio Douro. Caracteriza-se ainda pela sua proximidade para com o leito do rio e pela sua fácil acessibilidade. A sua superfície está

orientada para Oeste. O afloramento é facilmente identificável, dada a escassez de outros exemplares nas imediações.

Nesta rocha identificaram-se dois painéis, A e B, com superfícies planas, regulares e de inclinação sub-vertical. O painel A contém cinco motivos, compostos por conjuntos de linhas diagonais, verticais e até paralelas, executadas através de incisão fina, profunda. As dimensões das representações enquadram-se entre os 3,5 cm e os 31 cm de comprimento e os 2,5 cm e os 33 cm de largura. O painel B, com 119 cm de comprimento por 36 cm de largura, contempla três motivos (Figura 3). Os motivos 2 e 3 são idênticos às representações do painel anterior; quanto ao motivo 1, a organização

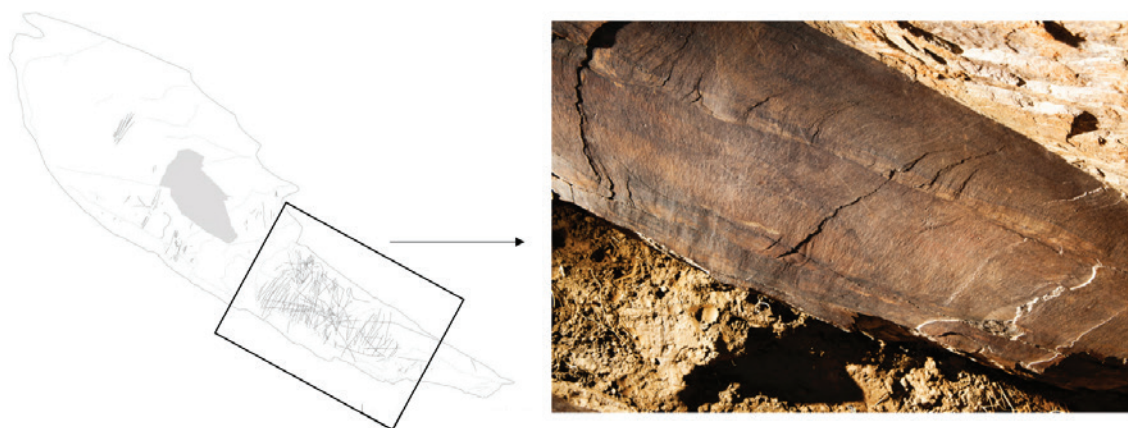


Figura 3 – Levantamento gráfico e fotográfico do Painel B da Rocha Ponte do Sabor.

e disposição dos traços sugerem uma morfologia animalista, com características esquematizadas e formalistas, as quais poderão indiciar uma cronologia dentro dos limites temporais do Epipaleolítico. Apresenta pequenas dimensões: 36 cm de comprimento por 66 cm de largura.

Apesar da maioria dos motivos serem abstratos e lineares, a técnica empregue na realização das gravuras bem como a organização dos motivos, apresenta um certo ar de família com as rochas anteriormente descritas para a Ribeira de Pedra de Asma.

### 3.4. Rocha de Santo Antão da Barca

A rocha de Santo Antão da Barca foi identificada na margem direita do Rio Sabor, defronte do Terraço do Medal, integrando-se numa área com diversos afloramentos xistosos. Posiciona-se junto ao rio, numa antiga zona de passagem do rio, conhecido como o Vau das Laranjeiras, a uma cota bastante baixa e facilmente submersa em fases de subida do caudal. A identificação do afloramento gravado e o seu acesso não apresentam dificuldades – desde que o nível do rio se encontre a uma cota baixa –, facilitados pelas consideráveis dimensões da rocha.

Foram aqui identificados seis painéis gravados, de inclinação sub-vertical, orientados para jusante e nos quais se registaram um total de 29 motivos, entre as quais 5 representações zoomórficas e 24 não-figurativos, essencialmente picotados (dispersos ou em grupo) e covinhas.

Relativamente aos zoomorfos, que corresponderão a corços ou cervas, representados em perspetiva lateral e orientados para montante do rio, distribuem-se por dois painéis, A e C. No painel C, verificam-se quatro das cinco representações animalistas, sendo que três se organizam num pequeno grupo, provavelmente matriarcal, composto por fêmea adulta, a sua filha e neta ou filha do ano anterior (Figura 4). Destes, há uma figuração que se destaca pela concentração do picotado no interior do corpo na zona do ventre, conferindo profundidade e volumetria e sugerindo a representação de uma fêmea em período de gestação. Aceitando esta composição como um grupo de fêmeas em período de gestação, e uma vez que as crias nascem entre Maio e Junho, estas representações reportam a um episódio primaveril. As restantes duas representações zoomórficas encontram-se isoladas, sendo que, no caso do painel A, poderá tratar-se de um jovem macho, tendo em conta a figuração das hastes.

As suas dimensões alternam entre os 20 a 25 cm de comprimento e os 8 a 12 cm de largura. Como mencionado, as representações zoomórficas estão associadas a grupos de picotados; por sua vez, as covinhas registam-se de maneira mais isolada, nos painéis D, E e F (Figueiredo *et al.*, 2016, 2014; Silva *et al.*, 2016).

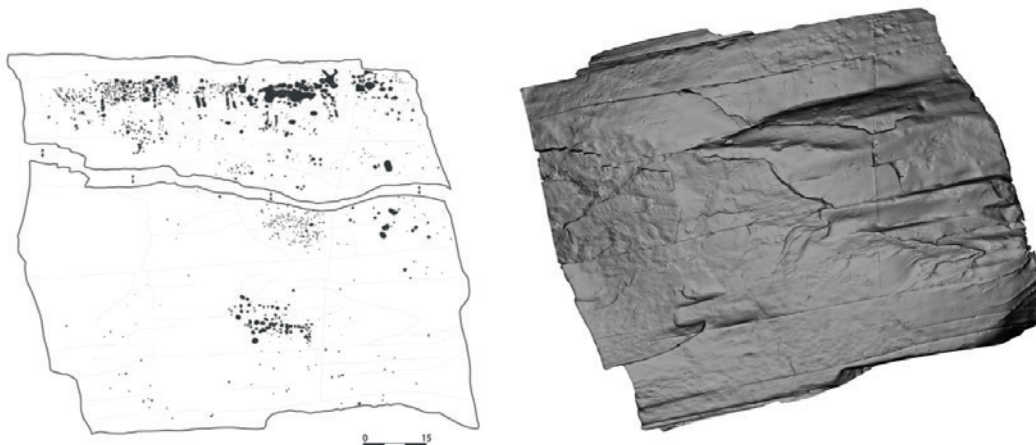


Figura 4 – Levantamento gráfico e Tridimensional por Luz Estruturada e Fotogrametria da Rocha de Santo Antão da Barca.

### 3.5. Rocha do Veadado do Cabeço do Aguilhão

Um pouco mais a jusante do curso do Rio Sabor, também na margem direita, encontra-se a Rocha do Veadado do Cabeço do Aguilhão. Situa-se perto do leito do rio, sujeita à submersão em fases de maior caudal, ainda que numa incidência menor que a Rocha de Santo Antão da Barca. A identificação da rocha e sobretudo do painel, é facilitada pela sua coloração avermelhada, resultante da oxidação da sua superfície xistosa. Este é de inclinação vertical,

orientado a Sudeste, isto é, para montante do curso do rio. A rocha não revela grandes obstáculos no seu acesso.

Foram aqui identificados seis motivos, sendo que, aquele que é merecedor de um maior destaque se reporta a um veado macho, tendo em conta a representação da armação. Foi representado em perfil, com alguns membros em perspetiva, com as patas e a cornadura bem desenvolvidas, típicas de um macho adulto (Figura 5). Algumas caracte-

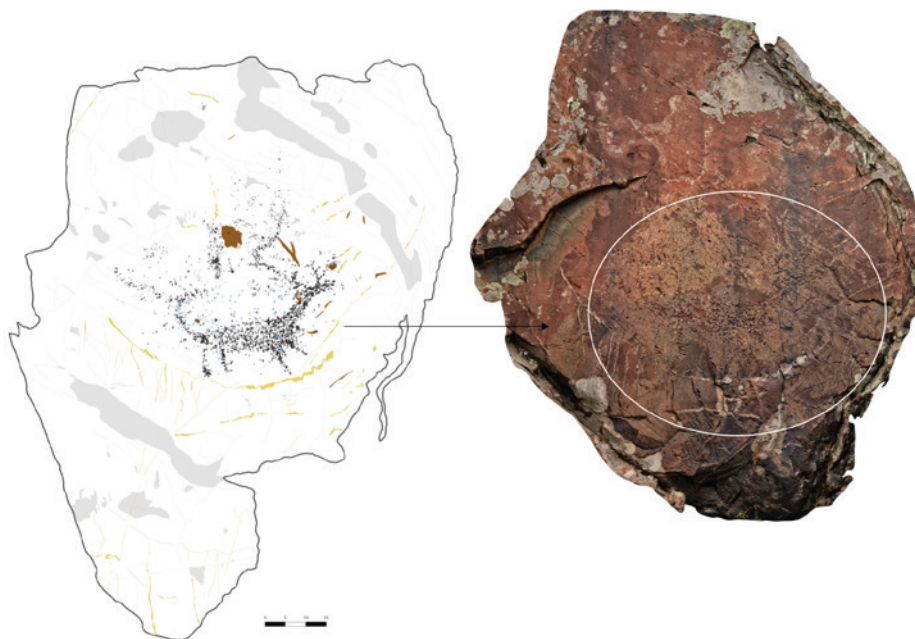


Figura 5 – Levantamento gráfico e Tridimensional por Varrimento Laser Tridimensional e Fotogrametria do Veadado do Cabeço do Aguilhão.

rísticas, tais como um denso picotado na zona do pescoço, patas dianteiras e focinho, a cauda direcionada para cima, o focinho e o pescoço esticado, juntamente com o tamanho da armadura, indiciam uma representação no período da brama, fase de pré-acasalamento entre o fim do Verão e o início do Outono, onde os veados, assumindo uma postura agressiva e de desafio perante os outros machos, constituem e defendem os seus haréns (Figueiredo *et al.*, 2016, 2014; Silva, Xavier, & Figueiredo, 2016). Os restantes cinco motivos são manchas de picotados situados acima do grafismo animalista.

### 3.6. Abrigo da Parada

Por fim, uma curta referência ao Abrigo da Parada, situado num ponto mais remoto e isolado que os dois afloramentos anteriores. Localiza-se na margem direita do Rio Sabor, a pouca distância do leito, no sopé de uma encosta extremamente íngreme, tornando o acesso bastante custoso.

Além do conjunto de registos afetos à arte rupestre, teve lugar neste abrigo uma escavação arqueológica, uma vez que a base do abrigo se encontrava parcialmente coberta de sedimentos. Ainda que o objetivo principal deste trabalho não tinha sido atingido – a recuperação de evidências que providenciassem uma contextualização cronocultural do dispositivo iconográfico – permitiram a identificação de mais grafismos, nomeadamente covinhas e incisões fusiformes. Assim, no total, foram aqui identificados um total de oito painéis. Entre covinhas, incisões fusiformes e conjuntos de picotados, foram também identificados 6 zoomorfos, entre os quais três capríneos, dois cervídeos e um indeterminado (Teixeira, 2016). Os zoomorfos foram registados nos painéis 2 e 3, situados numa zona mais interior, correspondendo ao limite nordeste do abrigo, em duas superfícies sub-verticais, altamente fraturadas. Os motivos, integralmente executados por picotagem, não assumem grandes dimensões, atingindo um máximo de 30 cm de comprimento. Os restantes painéis apresentam conjuntos de incisões fusiformes e covinhas, com maior representatividade destas últimas e, no painel 5,

um conjunto de incisões, provavelmente de cronologia histórica.

As gravuras animalistas foram enquadrados no Epipaleolítico, apontando como paralelos os conjuntos de Santo Antão da Barca e o Veado do Cabeço do Aguilhão, bem como, as gravuras do grupo II da sequência cronológica defendida por Mário Varela Gomes para a arte do Vale do Tejo. Um dos argumentos para defender esta hipótese prende-se com a circunstância de se encontrarem somente gravados, no capítulo dos zoomorfos, caprídeos e cervídeos, precisamente as duas espécies mais presentes no Epipaleolítico Tagano (Teixeira, 2016, p. 58).

## 4. METODOLOGIAS

Relativamente às metodologias empregues no levantamento e estudo das rochas apresentadas neste artigo, todas seguiram as diretrizes descritas no Plano de Salvaguarda do Património, documento orientador dos trabalhos desenvolvidos no Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor. O levantamento do Abrigo da Parada foi da responsabilidade de Joana Teixeira, encontrando-se as metodologias empregues no seu levantamento descritas em artigo próprio (Teixeira, 2016). Para as restantes rochas, seguiram-se os procedimentos abaixo descritos.

O registo gráfico foi realizado por decalque direto, de acordo com o estipulado no Plano de Salvaguarda do Património. Nesse sentido, foi aplicado plástico polivinílico transparente nos painéis historiados e decalcados todos os seus componentes (contornos, fissuras, gravuras, etc.), com recurso a canetas de acetato de distintas espessuras e colorações, obtendo-se assim um registo à escala de 1:1. Os plásticos foram, após o decalque digitalizados e todo o trabalho posterior foi realizado com os *softwares Adobe Photoshop e Adobe Illustrator*.

O registo topográfico foi realizado por uma equipa de topografia através de Estação Total e GPS. Os trabalhos compreenderam o levantamento do afloramento de arte rupestre, bem como da respetiva área envolvente. Posteriormente, os dados



foram trabalhados no *software AutoCAD*, sendo apresentados à escala 1:100, tanto em versão planimétrica, como em perfil.

O registo fotográfico foi executado em formato digital com uma resolução superior a 10 megapixels. Nos trabalhos de campo, os levantamentos realizaram-se com o auxílio de iluminação artificial, mais especificamente através de um conjunto de pequenos flashes externos à câmara fotográfica, sincronizados por sistema *wireless*. Desta maneira, obtiveram-se esquemas de luz rasante, os quais permitiram destacar certas particularidades dos painéis gravados. Além dos painéis e respetivos motivos, foi também fotografada a envolvente das rochas.

A edição fotográfica subsequente foi desenvolvida no *software no Adobe Photoshop*.

Das rochas mencionadas neste trabalho, três foram objeto de registo por digitalização 3D, nomeadamente a Rocha de Santo da Barca, o Veado do Cabeço do Aguilhão e o Abrigo de Parada, tendo este último ficado a cargo de Hugo Pires (Teixeira, 2016, p. 62). Para as rochas de Santo Antão da Barca e do Veado do Cabeço do Aguilhão, foram aplicados dois sistemas de varrimento, a saber: o Sistema de Varrimento por Luz Estruturada e Fotogrametria e o Sistema de Varrimento Laser Tridimensional e Fotogrametria. O primeiro utiliza um conjunto de câmaras associadas a uma projeção de padrões de luz projetada por um sensor ativo a um objeto. Através deste sistema é possível alcançar uma geometria 3D muito rigorosa, acrescentada com a obtenção de informação cromática de grande resolução. Estes levantamentos foram realizados através do *scanner 3D PT-M1600* e a informação processada no *software QTSculptor*.

Quanto ao segundo sistema, o varrimento faz-se através de um feixe laser, emitido pelo sensor intitulado de *laser scanner*. Este dispõe de uma cabeça monitorizada rotativa que, combinada com um espelho também rotativo, permite medições angulares bastante precisas. Neste sistema foi ainda aplicado o sensor passivo de cor de uma câmara digital reflex Nikon 3D, do qual resultou um sistema fotogramétrico terrestre de grande acuidade.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas rochas apresentadas, é evidente a existência de dois grupos distintos. Por um lado, rochas mais afastadas e de difícil acesso com gravuras incisivas de pequena dimensão e, por outro, gravuras mais próximas do leito do rio, de fácil acesso com motivos picotados de maiores dimensões.

Relativamente ao primeiro grupo, materializado pelas três primeiras rochas acima descritas e caracterizado, sobretudo, a partir da representação zoomórfica da Rocha 7 de Pedra de Asma, é no vale do Côa que encontramos os paralelos estilística e geograficamente mais próximos. Referimos nos às figuras incisivas que compõe a Fase 4 do ciclo artístico do vale do Côa, conforme definido por Santos (Aubry *et al.*, 2017; Santos, 2017). Dentro destas, são de assinalar as presentes nas placas de xisto da UE4 da estação arqueológica do Fariseu, datada entre 12.000 e 10.000 PB (Santos, 2012, p. 43). Tratam-se de grafismos figurativos com uma grande homogeneidade, onde se encontram representados preferencialmente cervídeos, mas, também, alguns caprídeos. Caracterizam-se pelo geometrismo das formas, pelo regular preenchimento interno dos corpos, pela ausência de detalhes anatómicos e por dispor, pelo menos, de um par de patas em perfil biangular (Aubry *et al.*, 2017, p. 407; Santos *et al.*, 2018, p. 50).

No que concerne o segundo grupo, a sua concentração no vale do Côa parece diminuir, tanto em número de motivos representados bem como nos núcleos onde figuram, estendendo-se geograficamente para norte e sul do país, tornando-se a suas características mais heterogéneas que no grupo anterior. Assim, é no vale do Tejo que motivos semelhantes assumem uma frequência verdadeiramente expressiva (Gomes, 2010). Mas antes de seguir nessa direção, importa referir a Canada do Inferno no vale do Côa, estação que parece reunir o maior número de animais picotados estilisticamente semelhantes aos por nós tratados, em rochas como a 3, 4, 5, 33, 34 ou 36 (Baptista & Gomes, 1998; Santos, 2017).



Relativamente ao vale do Tejo, a arte da transição integra o Período I, enquanto definido por Gomes, no designado Estilo subnaturalista (Gomes, 2007, 2010). As estações onde este grupo se encontra melhor representado são Fratel, Cachão do Algarve e Lomba da Barca (Gomes, 2010, p. 186). O período I caracteriza-se por representar motivos zoomorfos, maioritariamente cervídeos e caprídeos, com grandes corpos segmentados ou atravessados pela designada “linha de vida” (Gomes, 2010, p. 481). O período II, semi-naturalista constitui o estilo estilizado-estático, e integra-se já em termos cronológicos no Mesolítico e na sua transição para o Neolítico. De acordo com Gomes (Gomes, 2010, p. 484), e tal como no período anterior, encontram-se gravados cervídeos e caprídeos, mas neste caso de dimensões inferiores, com corpos representados em perfil, geometrizados de forma subrectangular ou ovalada, sendo atravessados por várias linhas ou totalmente preenchidos por picotagem.

Voltando para norte, nomeadamente para a região de Trás-os-Montes, revela-se ainda de grande interesse o Abrigo do Passadeiro, dada a representação subnaturalista do veado picotado aí presente, com o corpo segmentado interiormente pelas “linhas de vida” (Sanches & Teixeira, 2014, p. 64).

Regressando ao vale do Sabor e ao ponto de partida desta discussão, pensamos então estar perante dois grupos distintos de gravuras, afigurando-se de grande interesse tanto as suas convergências como divergências. São convergentes os temas figurados e, nalguns casos, os convencionalismos estilísticos. São divergentes as técnicas de gravação, as dimensões e a localização na paisagem. Assim, parece-nos pertinente questionar a contemporaneidade destas manifestações bem como a que grupos humanos se deve a sua presença.

Na sua definição cronológica, vimos já que o grupo de gravuras incisas se encontra melhor delimitado que o segundo, o grupo dos picotados, onde as cronologias são mais amplas. Se no Côa, estudos recentes tem vindo a sugerir uma mesma classe para as figuras estriadas e os grafismos picotados (Santos *et al.*, 2018, p. 57), enquadrando

ambos no período de transição, no Tejo, os cervídeos picotados com características mais ou menos naturalistas integram os períodos I, II e III, entre o Epipaleolítico e o Neolítico pleno (Gomes, 2010, p. 487). Relativamente ao vale do Sabor, e nos vários trabalhos que temos dedicado ao tema (Figueiredo, 2013; Figueiredo *et al.*, 2016, 2014; Silva, Xavier, & Figueiredo, 2016), assumimos que nos é mais fácil uma atribuição cronológica restrita ao Epipaleolítica para as três rochas do primeiro grupo com figuras incisas, que para o segundo grupo com as figuras picotadas. Isso é de resto patente nos discursos que fomos construindo sobre as rochas do Veado do Cabeço do Aguilhão e Santo Antão da Barca, onde as cronologias adstritas resvalam sempre entre o Epipaleolítico e o Neolítico, pendendo para cronologias mais antigas ou recentes dependendo do principal autor do trabalho e da temática abordada. No caso do Abrigo da Parada, as gravuras aí representadas são interpretadas como Epipaleolíticas (Teixeira, 2016, p. 58), ainda que o conceito não esteja bem clarificado podendo, por exemplo, ter sido usado num sentido amplo para fazer referência a todo o período cronológico entre o final do Tardiglacial e o início do Neolítico (e.g. Gallego Lletjós, 2013, p. 435).

A dificuldade (ou facilidade) em identificar semelhanças entre motivos não é decerto estranha a quem quer que trabalhe com grafismos rupestres, sendo que diferentes autores (com diferentes olhos) produzem distintas analogias entre motivos. Assim, e a título de exemplo, podemos mencionar as pinturas da Faia, no vale do Côa, nomeadamente nas rochas 1 e 3, onde alguns autores lhes sublinham as semelhanças com os motivos estriados Tardiglaciares (Santos *et al.*, 2018, p. 56), outros veem as suas parecenças com a arte pintada megalítica (Gomes, 2002, p. 177). Esta questão é de resto, também ela muito interessante, uma vez que adicionando as figuras pintadas às estriadas e às picotadas, este mundo se complexifica ainda mais. Na nossa análise aos cervídeos das rochas do Veado do Cabeço do Aguilhão e Santo Antão da Barca, conseguimos reconhecer semelhanças com as representações

pintadas do Forno da Velha, da Fraga d'Áia e da Orca dos Juncais, estas duas últimas datadas entre o V e III milénio a. C. (Sanches, 2009). Mas, estabelecemos também paralelos com a arte do vale do Tejo, nomeadamente das figurações adstritas ao Período II e III, relativos ao Mesolítico e Neolítico. No estudo empreendido por Sanches e Teixeira no Abrigo do Passadeiro, o veado aí representado foi afastado dos zoomorfos pintados dos monumentos megalíticos da Beira Alta (Sanches & Teixeira, 2014, p. 68), conectando-se antes com as figurações do Período I do vale do Tejo, sendo a representação do Cachão do Algarve Cal60 um excelente exemplo (Gomes, 2007, p. 94).

Pelo que atrás expusemos, e de forma a afinar as cronologias, pensamos que o grupo de figuras picotadas carece de uma melhor caracterização, que leve em conta não só os convencionalismos estilísticos mas, também, as dimensões dos motivos, as suas associações, as características dos suportes e as suas relações com a paisagem.

As figuras estriadas, apresentam, por exemplo, dimensões bastante inferiores às figuras picotadas. Este fator poderia estar ligado à visibilidade ou ao acesso que se pretendia que as gravuras tivessem. Também interessantes são as suas relações tanto de ausência como de presença com outras tipologias de motivos. Assim, para além das relações estabelecidas com motivos pintados, será também importante aferir as suas ligações com figuras antropomorfas, bem como com outros motivos de carácter mais abstrato, como os motivos circulares (presentes no Abrigo de Parada e na rocha de Santo Antão da Barca) ou com os fusiformes também designados de "unhadas do diabo". Relativamente a estes últimos motivos, ainda que a sua inserção cronológica dentro do período Epipaleolítico ou Mesolítico seja possível (Sanches & Teixeira, 2013, 2014; Teixeira, 2016; Teixeira & Sanches, 2017), pensamos que ela deverá ser uma exceção, sendo que, neste momento, a maioria dos dados aponta para cronologias entre a pré-história recente e a proto-história. Foram exumadas placas com gravuras fusiformes no sítio fortificado da Idade do Ferro do Castelinho

(Xavier *et al.*, 2014, p. 92), bem como em níveis com a mesma cronologia da Fonte do Milho (S. S. Figueiredo, Larrazabal Galarza, & Silva, no prelo). Da pré-história recente destaca-se a peça exumada em Castanheiro de Vento (Vale, 2012).

Para além destes parâmetros, também os suportes e sobretudo a sua relação com a paisagem nos parecem elementos chave para uma melhor compreensão deste grupo. De acordo com Gomes (Gomes, 2010, p. 487), por exemplo, no Período III da arte do Tejo, procuravam-se suportes mais próximos do rio e, sobretudo, locais de confluência de linhas de água ou cachões, tal como acontece nas rochas do Veado do Cabeço do Aguilhão e Santo Antão da Barca.

Assumindo o carácter de ensaio deste trabalho, e face ao que foi exposto, parece-nos seguro afirmar que grafismos rupestres relativos ao período da transição ou Epipaleolítico, estão representados no vale do Sabor através do grupo de figuras incisadas abordadas. Relativamente às figuras picotadas, e faltando estudos mais aprofundados, podemos aceitar o seu início numa fase Epipaleolítica, ainda que nos pareça mais plausível uma cronologia Mesolítica.

## 6. CONCLUSÃO

Neste artigo foram abordados os grafismos rupestres relativos ao período cronológico da transição entre o Pleistocénico e o Holocénico no vale do Sabor. Nos estudos aí empreendidos, foram identificadas seis rochas, divididas em dois grupos, correspondendo o primeiro a gravuras incisadas e o segundo a gravuras picotadas. A atribuição cronológica Epipaleolítica para o primeiro grupo parece-nos mais segura que para o segundo. Neste sentido, e assumindo o carácter de ensaio deste artigo, propusemos um conjunto de análises futuras de forma a melhor determinar cronologias, tentando ultrapassar a atribuição de datações demasiado amplas para os motivos picotados. Apesar dos importantes trabalhos que se tem dedicado ao tema, sobretudo na última década, pensamos faltarem ainda elementos de análise arqueológica que se alarguem para

além dos convencionalismos estilísticos. Um desses elementos é o estudo de contextos arqueológicos enquadráveis neste período sendo que, no vale do Sabor, o terraço do Medal e os seus níveis Epipaleolíticos e Mesolíticos, atualmente em estudo pela investigadora Rita Gaspar, poderão abrir portas para discursos que se esperam mais sustentados.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Ana Cristina (2016) – Antes do afagar a terra: quando o território era então mesolítico. Monografias AAP, vol. 2, pp. 9-24.

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; SANTOS, André; LUÍS, Luís (2017) – Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglaciar e o Pré-Boreal no Vale do Côa. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., eds. – *Arqueologia em Portugal: 2017 – Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 403-418.

BAPTISTA, António Martinho (1999) – *No tempo sem tempo: a arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Instituto Português de Arqueologia.

BAPTISTA, António Martinho (2009) – *O Paradigma Perdido: O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de Ar Livre em Portugal*. Edições Afrontamento e Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela (1998) – Arte Rupestre. In ZILHÃO, J. ed. – *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*, Ministério da Cultura, pp. 212-406.

BICHO, Nuno (2006) – *Manual de Arqueologia Pré-Histórica*. Lisboa: Edições 70.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva (2016) – La fuerza del pasado. *Lecturas Actuales. ARPI 04 Extra: Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann, 04* (Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann), pp. 78-94.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; ALCOLEA GONZÁLEZ, J. J. (2008) – Estilo V en el ámbito del Duero: Cazadores finiglaciares en Siega Verde (Salamanca). In BALBÍN BEHRMANN, R. ed. – *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa: actas*. Junta de Castilla e León: Consejería de Cultura y Turismo, pp. 259-286.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de; BARROSO BERMEJO, R. (2012) – La frontera ideológica: graffias postglaciares ibéricas. *Trabalhos de Arqueologia, 54* (1ª Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo, SANCHES, M. J. (coord.)), pp. 139-160.

CARDOSO, João Luís (2007) – *Pré-história de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.

DORDIO, Paulo; GASPAR, Rita; SASTRE, J.; PEREIRA, Sérgio; SANTOS, F.; FIGUEIREDO, Sofia Soares. (2015) – O Plano de Salvaguarda do Património do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor. *Côavisão: Economia, Ciência e Cultura, 17*, pp. 132-169.

FIGUEIREDO, Sofia Soares (2013) – *A arte esquemática do Nordeste Transmontano: contextos e linguagens*. Universidade do Minho.

FIGUEIREDO, Sofia Soares (2017) – *A Arte Esquemática do Nordeste Transmontano: Contextos e Linguagens*. Monografias AAP, vol. 5. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

FIGUEIREDO, Sofia Soares; LARRAZABAL GALARZA, J.; SILVA, A. – *Iron age rock art in the western Douro basin: images and contexts*. No prelo.

FIGUEIREDO, Sofia Soares; XAVIER, Pedro; NEVES, Dário; MACIEL, J.; NOBRE, Luís; GARCÍA, I. D. (2016) – Illustrating the Sabor Valley (Trás-os-Montes, Portugal): rock art and its long-term diachrony since the Upper Palaeolithic until the Iron Age. In R. FÁBREGAS VALCARCE, R.; RODRÍGUEZ RELLÁN, C. eds. – *Public Images, Private Readings: Multi-Perspective Approaches to the Post-Palaeolithic Rock Art. Proceedings of the XVII UISPP World Congress, Vol. 5*, Archaeopress Archeology, pp. 17-28.

FIGUEIREDO, Sofia Soares; XAVIER, Pedro; SILVA, Andreia; NEVES, Dário; DOMÍNGUEZ GARCÍA, Isabel (2014) – The Holocene Transition and Post-Palaeolithic Rock Art from the Sabor Valley (Trás-os-Montes, Portugal). In MEDINA-ALCAIDE, M. Á.; ROMERO ALONSO, A. J.; RUIZ-MÁRQUEZ, R. M.; SANCHIDRIÁN TORTI, J. L. eds. – *Sobre rocas y huesos: las sociedades prehistóricas y sus manifestaciones plásticas*, pp. 192-203.

GALLEGO LLETJÓS, N. (2013) – *El Mesolítico en la Península Ibérica. Historia crítica de la investigación y estado actual del conocimiento*. Universidad Complutense de Madrid.

GARCÍA-MOREIRAS, I.; DELGADO, C.; MARTÍNEZ-CARREÑO, N.; GARCÍA-GIL, S.; MUÑOZ SOBRINO, C. (2019) – Climate and vegetation changes in coastal ecosystems during the Middle Pleniglacial and the early Holocene: Two multi-proxy, high-resolution records from Ría de Vigo (NW Iberia). *Global and Planetary Change, 176* (March), pp. 100-122.

GOMES, Mário Varela (2002) – Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século. *Arqueologia e História, 54* (Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal), pp. 139-194.

- GOMES, Mário Varela (2007) – Os períodos iniciais da arte do Vale do Tejo (Paleolítico e Epipaleolítico). *Cuadernos de Arte Rupestre*, 4, pp. 81-116.
- GOMES, Mário Varela (2010) – *Arte Pupestre do Vale do Tejo: Um ciclo Artístico-Cultural Pré e proto-Histórico*. Universidade Nova de Lisboa.
- JORDÁ, F. (1984) – Algunas consideraciones sobre los problemas del arte rupestre del area centroccidental lusoespanola. *Portugália, Nova Série*, IV, V, pp. 89-95.
- RIPOLL LÓPEZ, S.; ROBERTO BÁRCENA, J.; JORDÁ PARDO, J. F.; MAÍLLO FERNÁNDEZ, J. M.; MUÑOZ IBÁÑEZ, F. X.; QUESADA LÓPEZ, J. M. (2014) – *Prehistoria I: Las primetas etapas de la Humanidad (2a)*. Madrid: Editorial Universitaria Ramón Areces.
- SANCHES, Maria de Jesus (2009) – Arte dos dólmenes do noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica. *Portugália*, XXIX-XXX, pp. 5-42.
- SANCHES, Maria de Jesus; TEIXEIRA, Joana Castro (2013) – An Interpretative approach to “Devil Claw” carvings: the case of river Tua mouth rock shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Portugal). In *XXV Valcamonica Symposium: Art as a source of History, 20-26 de Setembro*. Capo di Ponte: Centro Camuno di Studi Prehistorici, pp. 59-68.
- SANCHES, Maria de Jesus; TEIXEIRA, Joana Castro (2014) – O Abrigo Do Passadeiro, Palaçoulo (Miranda Do Douro ). Um Caso De Estudo De Gravuras Rupestres Dos Inícios Do Holocénico no Nordeste De Portugal. *Portugália, Nova Série*, 35, pp. 61-75.
- SANTOS, André Tomás (2012) – Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito da superação de uma persistente dicotomia conceptual. In SANCHES, M. J. ed. – *Trabalhos de Arqueologia 54. 1a Mesa Redonda Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*, DGPC, pp. 39-67.
- SANTOS, André Tomás (2017) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Universidade do Porto.
- SANTOS, André Tomás; AUBRY, Thierry; BARBOSA, A. F.; GARCÍA-DÍEZ, Marcos; SAMPAIO, Jorge D. (2018) – O Final do Ciclo Gráfico paleolítico do Vale do Coa: a Arte Móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa). *Portugália, Nova Série*, 39, pp. 5-96.
- SILVA, Andreia; XAVIER, Pedro; FIGUEIREDO, Sofia Soares (2016) – A simbologia dos Veados na Pré-História Recente do Nordeste Transmontano: Formas Pintadas e Gravadas. In CORDEIRO MACENLLE, R; VÁZQUEZ MARTÍNEZ, A. eds. – *Estudos de Arqueoloxía, Prehistoria e Historia Antiga: Achega dos Novos Investigadores*. EINIACA, Santiago de Compostela: Andavira Editora, pp. 53-59.
- TEIXEIRA, Joana Castro (2016) – O Abrigo de Parada, um sítio de arte rupestre do Vale do Sabor (Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes). In SANCHES, M. J.; CRUZ, D. J. eds. – *Estudos Pré-Históricos Vol. XVIII. Actas da II Mesa Redonda. Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, pp. 41-70.
- TEIXEIRA, Joana Castro; SANCHES, Maria de Jesus (2017) – O abrigo rupestre da foz do Tua no contexto da Arte Paleolítica e Pós-Paleolítica e Pós-peleolítica no Noroeste da Península Ibérica. *Portugália*, 38, pp. 9-48.
- VALE, Ana M. (2012) – *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma colina monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*. Universidade do Porto.
- WALKER, M.; JOHNSEN, S. J.; OLANDER, S.; POPP, T.; STEFFENSEN, J. P.; GIBBARD, P., SCHWANDER, J. (2009) – Formal definition and dating of the GSSP (Global Stratotype Section and Point) for the base of the Holocene using Greenland NGRIP ice core, and selected auxiliar records. *Journal of Quaternary Science*, 24 (1), pp. 3-17.
- WESTROPP, H. M. (1872) – *Prehistoric Phases*. London.
- XAVIER, Pedro; CRISTO ROPER, A.; MACIEL, J.; FIGUEIREDO, Sofia Soares (2014) – Do ver ao compreender as as gravuras “fusiformes” do vale do Sabor. In HONARDO CASTRO, J.; BREZMES ECRIBANO, M. A.; TEJEIRO PIZARRO, A.; RODRÍGUEZ MONTERRUBIO, O. eds. – *II Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero: Del Neolítico a la Antigüedad Tardía*. Glyphos Publicaciones, pp. 87-98.



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2020

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)